

CÍCERO:

- Isso aqui não tem sentido, quem não sabe russo não está entendendo
- Metido.. Elegante... Ninguém perdoa
- Olha aqui um outro dele
- Eu quando era comunista, bem comunista, eu aprendi a ler russo, eu sou muito radical nas coisas, vou bem fundo, ai aprendi a ler russo
- E Luciano tinha essa imagem de um livro de uma artista russa que ele admirava muito, que é maravilhosa mesmo, Goncharova é o nome dela
- Ai queria ler isso aqui está em russo
- É mirs kontsa em russo, mir kontsa
- Mirs, tem um o que seria um "S", kansa, o "mir" quer dizer mundo, ou kontsa" quer dizer fim
- Ai eu, na minha tradução literal, não tinha prática de falar nada disso, ai eu traduzi assim: "Quer dizer o Mundo desde o Fim"
- Na aula de matemática eu comecei a ler um poema que estava num livro de gramática, num livro de português
- Era o poema I-Juca-Pirama de Gonçalves Dias
- E eu fiquei completamente apaixonado pelo poema, pelo ritmo, aí pela primeira vez eu entendi qual era a graça da poesia
- Quando chegou na maldição, porque o velho índio, dizem a ele que o filho dele chorou na hora da morte para não ser morto
- Implorou para não matá-lo, e realmente ele tinha implorado, mas tinha implorado para não ser morto para cuidar do pai dele
- Ele era a única pessoa, eles viviam isolados, ele e o pai pela floresta e o pai só sobrevivia por causa dele
- Então ele queria voltar para ajudar o pai e ele prometeu que depois que o pai morresse ele viria para ser morto pelos índios
- Mas o pai não sabia disso e achou que o filho tinha chorado por covardia
- E aí tem aquela maldição terrível
- "Tu choraste na presença da morte? Na presença de estranhos choraste? Não descende o cobarde do forte; Pois choraste, meu filho não és! Possas tu, descendente maldito. De uma tribo de nobres guerreiros, implorando cruéis forasteiros, seres presa de vis Aimorés"
- A vai adiante essa maldição cada vez pior
- Eu fiquei impressionadíssimo com aquilo e o ritmo é que me impressionou
- Eu achava que era o ritmo dos índios, quando eu cheguei em casa eu disse: "Vovó olha isso", aí eu mostrei pra ela
- "Tu choraste na presença da morte? Na presença de estranhos choraste?", você estragou o poema minha avó disse e foi me mostrar como se lia
- Mas a partir daí eu comecei a querer ler tudo quanto era poesia, comecei a entender a relação entre o som, sentido, ritmo
- Aquilo para mim foi a descoberta da poesia
- Se todo corvo é preto, então todo não preto é não corvo, e se todo não preto é não corvo então todo corvo é preto, todo corvo é preto, todo não preto é não corvo e cada todo não preto, não corvo, cada folha verde, cada folha azul, cada gota de sangue, prova o negrume dos corvos"
- É bonito né? Tinha esquecido totalmente

- Se abre assim e também é um desses raciocínios né, é pelo avesso que ele faz - Esses poemas é que...
 - Pelo menos ressoam, ecoam um pouco a filosofia, porque o modo de raciocinar é meio parecido mas ele vai dizer que não, que ele tem razão, eu que estou errado
 - Mas ele vai dizer que não é, que é outra coisa - Filosofia é filosofia e segue uma...
 - A outra parte é a descoberta da filosofia
 - A descoberta da filosofia foi o seguinte: papai tinha uma biblioteca enorme, ele era um intelectual e foi um dos fundadores daquele ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros)
 - Os amigos dele eram todos intelectuais e eu gostava muito de ficar ouvindo eles falarem
 - Mas eu sei que com 13 anos também eu peguei um dos livros que estava na estante dele e comecei a ler
 - E o livro questionava inteiramente todo o... Eu estudava em colégio de padre, e ele questionava todo o cristianismo, todos os dogmas
 - Até a existência mesmo de Cristo, tudo ele punha em questão, duvidava, num nível sério tremendo
 - E quando eu vi aquilo eu achei que o cara estava certo e eu virei ateu, eu era adolescente e era ateu
 - Aí comecei a falar mal de religião lá em casa, mamãe ficou danada
 - E ela descobriu, ela disse assim: "Ah você andou lendo aquele livro, mas é o fim da picada"
 - Falou horrores do homem que escreveu, acho que ela nem sabia, era um estrangeiro, eu sei que era um nome estrangeiro, eu me lembro disso
 - Eu sei que ela pegou o livro e jogou fora, até hoje eu fico tentando lembrar quem era esse autor e que livro era esse que me influenciou tanto
 - Eu sei que a partir daí como eu não tinha mais as respostas que a religião dava, eu comecei a me perguntar sobre todas as coisas
 - O que é o infinito, será que tem vida depois... Tudo virou uma questão
 - Posso passar? Tá bom, eu espero um pouco
 - Se o senhor quiser ir lá e dar água para o gato
 - Não, ele tem água aqui
 - E é claro que ele continua ateu, continua racionalista, religioso no sentido da religião mais tradicional, careta
 - Mas ele lida com mistério, com essas questões o tempo inteiro, é óbvio
 - E escolheu na vida lidar com isso, ou foi escolhido, não sei, mas ele lida com isso o tempo inteiro
 - Ele não é uma pessoa que passa ao lado disso na vida
 - "Ah não quero saber, sou um engenheiro, construo pontes, não acredito em Deus, sou médico, acredito na ciência"
 - Não é isso, ele está o tempo inteiro raciocinando sobre as mesmas questões
 - Questões muito primárias da existência
 - No centro do pensamento humano, de todas as culturas pré modernas se encontrava sempre uma religião, por exemplo
 - Um determinado conjunto de crenças, uma cultura determinada
 - E isso era o que acontecia desde sempre nas culturas pré modernas
- Quando Descartes fez a descoberta dele, o que aconteceu foi o oposto, o que veio para o centro foi a crítica

-

- E na periferia ficaram todas as culturas, tudo ficou objeto de questionamento crítico, pela crítica
- A crítica ficou, digamos assim, o fundamental e isso até hoje é assim
- Então nós vivemos num mundo em que a crítica quis que tenha um lugar central na busca do conhecimento
- Mesmo as ciências por exemplo estão constantemente submetendo a si - Elas são ciências porque elas se submetem a si próprias a testes
- Ou seja, tudo é problemático, nessa descoberta de que tudo é problemático, de que tudo pode ser questionado é a descoberta do Descartes
- Quando ele escreveu o primeiro livro de filosofia, o livro de filosofia dele propriamente que é O Mundo Desde O Fim
- Eu achei uma beleza a independência, porque o mundo acadêmico brasileiro todo voltado para as modas pós estruturalistas - Ou ainda atados à escola de Frankfurt
- E Cícero então veio com um negócio de Descartes, é bem corajoso na verdade porque ele pensou isso por conta própria, isso é interessante
- Eu não me baseei em absolutamente nesses pensadores que estavam na moda como o Foucault, como o Deleuze, ao contrário na verdade
- Como eu falava muito de Descartes, que tinha sido atacado na verdade por Foucault, então eu tenho a impressão de que grande parte da academia brasileira que era totalmente colonizada pela universidade francesa
- Eu acho que simplesmente consideraram que meu livro não era atual e ignoraram
- Eu tomo nota de uma porção de coisas que acontecem na vida de um empresário
- Mas para fazer o poema eu tenho que me sentar
- E me entregar ao poema
- Se de repente acontecer alguma coisa, começo a me levar a pensar de maneira filosófica, o poema vai embora
- É como se o poeta não aguentasse para o filósofo
- E se ao contrário, eu estou fazendo filosofia, eu começo a ter algumas ideias poéticas, que é difícil, pois a filosofia normalmente não traz ideias poéticas
- É como se houvesse uma coisa mais delicada na poesia, mais fugidia, não depende tanto de mim
- Eu posso estar escrevendo um poema e de repente não conseguir continuar
- Se eu estou escrevendo um ensaio de filosofia eu continuo até o fim - "Passo a noite a escrever
- Do lado de lá da rua poderia alguém me ver, daquele prédio às escuras, em frente ao meu, e mais alto - Que voyeur me espiaria?
- De interessante, só faço escrever
- Ele veria decerto a parte traseira do computador, talvez, daquela outra janela, avistasse de viés o lado esquerdo da minha face de perfil
- Jamais entretanto enxergaria certos versos de cristal líquido, que mal secreto com o sal do meu suor já anunciam segredos só meus e de algum leitor que partilhará comigo o paraíso em desterro, o pranto que vem do riso, o acerto que vem do erro

-
Disso tudo, meu vizinho nem de longe desconfia, mas e se ele, tendo lido meus lábios, que pronunciavam o que na tela está escrito: perceber-se desterrado não só do meu paraíso, do meu desterro coitado

- E se ele a tudo atentar e por inveja e recalque me deram um tiro de lá, melhor fechar o blackout”
 - Essa é a história do poema, exatamente isso, aí ao invés de fazer um black out eu acabei colocando aquele papel de seda na janela - MÚSICA: “Faltava abandonar a velha escola
 - Tomar o mundo feito Coca-Cola
 - Fazer da minha vida sempre
 - O meu passeio público
 - E ao mesmo tempo fazer dela
 - O meu caminho só, único”
 - É um dos aspectos mais interessantes para Cícero me parece, essa ligação da poesia clássica com a música, que a poesia era a princípio cantada e acompanhada de música - Mas ele sabe o quanto era cantada mesmo nas tragédias, nos coros, muitas vezes havia música
 - E eu não sei quanto, ele sabe melhor, o quanto que havia de música na apresentação dos aedos e quanto havia de música em Homero e nos grandes poetas gregos
 - “Quero falar dos atridas e também cantar a Cadmo
 - Porém, as cordas da lira ecoam só o amor
 - Mudei as cordas à pouco, mudei a lira todinha
 - E também cantei os feitos héraclides, porém a lira só corresponde aos amores
 - Digamos adeus em paz, heróis, o fato é que a lira canta em amores e nada mais”
 - Não adianta pedir para a lira dele cantar os heróis né
 - E esses eram cantados, agora falamos sem a música, mas eles eram originalmente cantados
 - E quantas outras letras nas músicas de Marina Lima você é o autor?
 - A maior parte, agora eu não sei quantas exatamente não, mas é muita coisa
 - Cita algumas, eu queria que você citasse para gente
 - Umas famosas, a mais famosa talvez seja "Fullgás", nós temos também uma música chamada "Virgem" que é famosa
 - Uma música que fizemos para Maria Bethânia, "O Lado Quente do Ser" que diz assim: "Eu gosto de ser mulher" - Eu gosto de ser mulher
 - MÚSICA: “Sonhar arder de amor
 - Desde que sou uma menina
 - De ser feliz ou”
 - É porque na realidade eu fui para os Estados Unidos pela segunda vez estudar música, estudar mesmo, ler partitura, passava o dia inteiro estudando música
 - E o Cícero foi para a cidade que eu estava, Washington, completar um estudo de lógica matemática, então nos encontramos ali
 - Eu com 16 e ele com 26
 - E dormíamos no mesmo quarto, pois era um quatinho pequeno que meus pais tinham alugado e tinha um hóspede no quarto e as pessoas no mesmo quarto
- Então, um acaso que foi eu acordar um dia e encontrar os papéis no chão, descobrir um soneto e musicar, isso acabou virando uma profissão

-
- Porque o Cícero é filósofo, poeta, eu não tinha profissão, eu era músico e também não tinha, eu achava para os nossos pais que isso era um problema, o que vamos fazer com eles entendeu?
- E de repente essa união, de um acaso, se é que acasos existem, de eu pegar um poema no chão e treinar a música, nós ganhamos uma parceria que também foi o ganha pão nosso durante 20 anos
- Porque esse momento dele pop de quando a Marina estava no auge, foi o momento que ele viu um dinheiro entrando, ele viu uma popularidade que na verdade é efêmera e foi passageira, na verdade ele já voltou nesse lugar - Daqueles livros de poetas que é uma coisa para poucos
- A poesia é uma coisa para poucos nesse mundo, a filosofia também
- Ele é um militante, ele é um cara da vida inteira ligado a isso de uma maneira, é uma paixão, um interesse, um amor e uma dedicação comoventes
- Então, é interessante que o Antônio Cícero é um poeta, é um letrista de canções além de ser um filósofo, que é uma combinação muito inusual e eu diria que acontece só no Brasil - Porque no Brasil existem muitos escritores que são compositores de canção ou compositores de canção que são escritores
- Mas no caso do Cícero ainda com esse complicador, porque ele tem canções que são hits
 - A coisa pop dele nunca foi uma concessão ao público, foi uma experiência de vida, de pensamento, é uma experiência de vida e de pensamento
- O alcance dele é grande, então ele gosta do mundo, Cícero gosta da vida, nesse sentido ele é pop, a definição do Ed Warren para pop é de que ser pop é gostar das coisas do mundo
- Parece uma heresia se dizer isso, dizer que não tem que ter música em todo lugar, em todo momento
- Mas na verdade eu acho isso, acho que em toda parte que se entra numa loja, num elevador, num consultório, em casa, em toda parte tem música rolando
- E as pessoas acham isso um privilégio, uma grande coisa, mas na verdade a música é a forma como eu estava dizendo, é o que dá forma ao temporal, ao discursivo, da forma ao próprio tempo
- O tempo é a forma do sentido interno, é o que há de mais íntimo em cada um de nós - Oi querido, tudo bem?
- Eu to aqui filmando
- O pessoal está aqui em casa
- Eu queria fazer um filme sobre ele e fico tentando descobrir que filme seria esse
- O Cícero é uma pessoa difícil de cortar, ele tem um raciocínio longo e muito preciso, você não consegue editar muito bem, é difícil de você cortar ele, não é aquela coisa espasmódica do Ali por exemplo, faz uma frase de efeito e etc -
- O Cícero tem um raciocínio longo, preciso, exato, maravilhoso
- Esse é lindo né, maravilhoso, a cara dele
- Ah que bom
- Tá bom
- Não, só com você porque o Caetano vai ter um compromisso

-

E eu gostei imediatamente dele, de Cícero, ele começou a frequentar nossa casa em Londres e eu conversava muito com ele, porque ele tinha uma formação acadêmica, ele estava estudando em Londres

- Ele nessa altura era da esquerda althusseriana, depois ele foi mudando e sempre me interessou o modo dele de pensar
- E para mim repercutiu muito muito, é um amigo a quem eu devo não só a grande alegria da amizade como também muitas informações e sugestões de modo de pensar
- Nós saímos a noite juntos para dançar, íamos para os lugares juntos, nós viramos carne e osso
- É muito engraçado isso porque eu não sei se o Cícero se lembra disso, mas éramos três, Cícero, Beto e eu
- Mas enquanto toda a minha infância, *onde eu tive toda a minha relação com o Cícero, e o fio terra, era o Beto
- Beto era o irmão que eu era liga e etc
- Quando Cícero e eu nos encontramos, começamos a criar essa parceria e nós descobrimos, nós ficamos muito ligados, eu acho até que o Beto ficou com um pouco de ciúmes
- Porque além de tudo tinha a urgência do trabalho, nós só saímos juntos e etc
- Foi uma época engraçada, divertida, com amigos em comum, noitadas
- Falávamos sobre a noite anterior, Tínhamos muito assunto
- Quando voltamos para o Brasil fiquei muito amigo da irmã dele, Marina e ela se tornou amiga mesmo, até confidentes, conversamos muito
- E eu continuava amigo de Cícero igualmente
- E em algum momento Marina viu um escrito de Cícero, musicou e era um poema - E eu fiquei sabendo assim, o Cícero não me falava que escrevia poesia, nem que queria escrever poesia, acho que ele não falava nem para si mesmo
- Para mim é a coisa mais difícil do mundo-
- Mas para si mesmo, você é uma pessoa tão cara, Cícero
- Eu não falei nada porque eu não sou... Oratória é um, dois, três, quatro, cinco - Um brinde ao Cícero
- Cícero, querido, você conseguiu reunir pessoas aqui que te amam profundamente, a tempos diferentes, de formas diferentes, com motivos parecidos
- Mas todo mundo te ama muito aqui
- Muito obrigado eu também amo todos vocês
- É isso
- [Várias pessoas conversando]
- Você se lembra desse livro, o que é o existencialismo
- Me lembro, mas não me lembro bem - Maravilhoso - Como é o nome?
- Tem O Existencialista, humanista é outra coisa - Isso é do ???(29:20) criticando o ???
- Agora o ??? tem esse livro que é o existencialista, e aí ele é humanista, esse livro é criticado pelo ??? na verdade, indiretamente - Foi esse que marcou vocês dois ao mesmo tempo
- Marcou muito, não só esse não, também a memória dele

- As memórias eu achava que era o melhor livro já escrito
- Ele me ensinou tanta coisa, porque por exemplo, víamos televisão juntos, ele me mostrou, eu vi junto com você, nunca esqueci isso, é uma coisa fundamental para mim ver Dançando na Chuva junto com Caetano
- Pelos comentários que Caetano fazia, eu vendo porque eu vinha daquela coisa de meu pai, Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes, esses intelectuais que desprezavam a cultura americana
- Aí quando eu vi aquilo, Caetano mostrava a genialidade, aquilo foi uma aula que eu nunca esqueci, foi muito importante para mim
- Eu queria fazer um comentário
- Fale
- Para mim foi o momento mais bonito do jantar e porque pode parecer menor que você tenha ensinado filosofia para o Caetano e ele tenha ensinado cultura popular para você - Mas na verdade eu digo isso porque eu me identifico com o aprendizado porque o que o

Caetano ensina se reverte para todo o olhar que temos para a própria filosofia

- Exatamente, foi tão importante para mim
- Uma vez eu estava andando com Waly Salomão, um grande amigo meu, pela praia de Ipanema
- Nós fomos andando, isso era de tarde indo em direção ao arpoador
- De repente encontramos o filho dele Omar Salomão, que hoje é um poeta
- Eu olhei para trás e estava um pôr do sol magnífico e eu disse: "Que beleza, olha que pôr do sol"
- Aí todo mundo olhou e Omar Salomão disse assim: "Sinistro"
- Aquela palavra sinistro me impressionou tanto naquela hora, porque eu nunca tinha ouvido alguém falar sinistro com um sentido positivo, querendo dizer que era uma coisa boa - "A pele salgada daquele surfista parece doce de leite condensado, como seu olhar, o mar é narcisista e, na vista de um, o outro é espelhado
- E embora, quando ele dança sobre as cristas, goste de atrair olhares extraviados de banhistas distraídos ou artistas - É claro que o mar é seu único amado
- Ei-lo molhado em pé na areia: folgado, ao pôr do sol tem de um lado a prancha em riste e do outro lado usa uma gota e um brinco e assiste
- Serenamente o horizonte inflamado e a brisa e ele enfim não resiste à beleza e diz "sinistro" e ouve o eco ao lado"
- Então ao mesmo tempo você frequenta no poema, nos temas mais altos, as referências mais altas e olha que estou pensando na mais alta cultura clássica
- E tudo tramado a partir de situações cotidianas de uma linguagem muito coloquial, muito clara, muito direta
- Então isso dá a poesia dele um sentido muito específico, é uma poesia que é muito dele, Cícero
- Sobre esse aspecto, ela reinventou uma tradição, ela tem um lugar que é dela - [Várias pessoas conversando]
- "A infância não foi uma manhã de sol: demorou vários séculos; e era pífia, em geral, a companhia
- Foi melhor, em parte, a adolescência, pela delícia do pressentimento da felicidade na malícia, na malícia, na poesia, no orgasmo; E pelos livros e amizades
- Um dia, apaixonado, encarei a minha morte: e eis que ela não sustentou o olhar e se esvaiu
- Desde então é a morte alheia que me abate. Tarde aprendi a gozar a juventude, e já me ronda a suspeita de que jamais serei plenamente adulto: antes de sê-lo, serei velho

- Que ao menos os deuses façam felizes e maduros, Marcelo e um ou dois dos meus futuros versos"
- Tudo isso aqui é um verso de onze sílabas mas que escapa porque "a infância não foi uma manhã de sol", aqui você tem verso inteiro dessa medida
- Mas o verso seguinte "demorou vários séculos; e era pífia, em geral, a companhia" o verso vai até "pífia", mas a frase continua "em geral, a companhia"
- "Foi melhor", aqui termina o verso mas a frase continua "em parte, a adolescência, pela delícia", aqui termina o verso mas a frase continua "do pressentimento da felicidade na malícia, na malícia, na poesia"
- O verso terminou mais a frase continua "no orgasmo; E pelos livros e amizades", isso chama enjambement, que é uma palavra francesa que usamos para dizer quando a frase não cabe no verso
- Então você tem continuamente um ritmo do verso e o ritmo da frase, os dois não estão em fase, estão algo defasados
- Por isso você ao mesmo tempo sente o ritmo, mas ele escapa e é como se fosse prosa - No Cícero, o que há de mais culto, consciente, racional é sempre mobilizado para a captura de todos os elementos que são estranhos a racionalidade, a construção, a consciência - Oi, tudo bem?
- Está sob gravação? Pode entrar aqui por favor
- Bem, nós temos o prazer de receber aqui na nossa rádio Saara, a voz do centro do Rio
- Ele é poeta e ensaísta, é autor, entre outras coisas, dos livros "Ensaaios Filosóficos", "O Mundo Desde O Fim", dos livros de poemas "Guardar", "A Cidade e os Livros", "Livros de Sombras: pintura, cinema e poesia"
- Aqui, na minha frente, o grande poeta Antonio Cícero - Torce para que time? - Botafogo
- Sempre foi, é uma herança, meu pai era fanático botafoguense, então todos nós herdamos isso
- Antonio Cícero, falando agora mais ainda desse nosso bate-papo, do seu trabalho, você tem algum poema que foi escolhido o poema dos poemas? Ou um dos 150 poemas do século, é isso?
- Foi do livro do Ítalo Moriconi chamado "Os cem melhores poemas do século 20" - Os cem melhores?
- Os cem melhores! Aí eu tive o privilégio de ter tido um poema meu chamado "Guardar" escolhido como um desses melhores
- Então vamos ouvir na voz de Antonio Cícero, "Guardar"
- "Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la"
- Essa foto é uma maravilha, Aroldo está todo feliz
- Aroldo é o famoso pinto no lixo
- Olha, aqui é Maria Gladys
- Se abraçando, você e o Ale
- Silvio
- Luciano
- Quem é Suzaninha?
- Suzana de Moraes
- Não acredito, com esse cabelo ???
- É ela
- Cadê a Suzana?
- Aqui

- Ah você e Marina, ai que delícia
- Com esse disco aqui
- [Várias vozes falando]
- E o Cícero está lindo
- Você parece um egípcio
- E ele nem está de perfil
- Mas porque ninguém nunca falou isso Cícero?
- Desde o primeiro dia que te vi eu achei que você era egípcio
- Ao Cícero
- Coitada
- Nós não podemos levantar uma água? - Sem nada no copo
- Para quem é politeísta vazio não é bom
- Só para os ateus
- Vazio só para ateus
- Agora Antonio Cícero, falando do que você tem em seus vários poemas, mais de uma centena, duas centenas de poemas, uma fala sobre a Saara - Tem um que eu menciono - Você menciona a Saara?! - Eu posso ler esse poema - Por favor!
- É um poema que eu fiz falando sobre a primeira vez que eu andei sozinho pelo centro da cidade
- Centro da cidade do Rio
- E logicamente passou pela Saara
- Aí eu passei pela Saara
- Isso deve ter quase 60 anos não é isso?
- Faz muito, é por aí
- Então vamos ouvir, qual é o nome do poema?
- A Cidade e os Livros
- A Cidade e os Livros com Antonio Cícero
- "O Rio parecia inesgotável àquele adolescente que era eu
- Sozinho entrar no ônibus Castelo, saltar no fim da linha, andar sem medo
- No centro da cidade proibida, em meio à multidão que nem notava
- Que eu não lhe pertencia
- E de repente, anônimo entre anônimos, notar eufórico que sim,
- Que pertencia a ela, e ela a mim
- Entrar em becos, travessas, avenidas, galerias, cinemas, livrarias:
- Leonardo da Vinci Larga Rex Central Colombo Marrecas Íris Meio-Dia Cosmos - Alfândega Cruzeiro Carioca Marrocos Passos Civilização Cavé Saara São José - Rosário Passeio Público Ouvidor Padrão Vitória Lavradio Cinelândia: - Lugares que antes eu nem conhecia abriam-se em esquinas infinitas - De ruas doravante prolongáveis por todas as cidades que existiam.
- Eu só sentira algo semelhante ao perceber
- Que os livros dos adultos também me interessavam
- Que em princípio haviam sido escritos para mim os livros todos.
- Hoje é diferente, pois todas as cidades encolheram, são previsíveis,
- Dão claustrofobia e até dariam tédio, se não fossem os livros infinitos que contêm."